

A HIERARQUIA DE VALORES E O *ETHOS* DE MADRE TERESA DE CALCUTÁ NO DISCURSO FÍLMICO

Maria Flavia Figueiredo *
Farnei Santos **

RESUMO: À luz da teoria retórica, este trabalho busca investigar a constituição do *ethos* da protagonista do filme *Madre Teresa*, por meio da seleção de alguns trechos representativos. Esse drama expõe a trajetória missionária de Teresa de Calcutá em sua luta social pelos doentes, pobres e abandonados da Índia e de outros países. Observamos que a constituição ética de Teresa de Calcutá se pauta nas três instâncias do *ethos* enumeradas por Aristóteles: *phronesis*, *arete* e *eunoia*. Os resultados da análise evidenciaram que essas instâncias manifestaram-se na personagem por meio de um *ethos* de plausível (*phronesis*), de temerária (*arete*) e de solidária (*eunoia*).

PALAVRAS-CHAVE: Retórica, *Ethos*, Madre Teresa.

ABSTRACT: Through the light of the rhetoric theory, this study aims at investigating the ethical constitution of the protagonist of the film *Mother Teresa* in some representative fragments. This drama exposes the missionary engagement of Teresa of Calcutta in her social struggle for the sick, poor and abandoned people in India and other countries. We noted that the ethical constitution of Teresa of Calcutta is based on the three *ethos* instances listed by Aristotle: *phronesis*, *arete* and *eunoia*. The analysis results show that these three instances were expressed by the character through the plausible (*phronesis*), temerarious (*arete*) and solidary (*eunoia*) *ethos*.

KEYWORDS: Rhetoric, *Ethos*, Mother Teresa.

* Doutora em Linguística pela Unesp-Araraquara, com pós-doutorado em Língua Portuguesa pela PUC-SP. É Especialista em Línguas Estrangeiras pela *State University of New York – Albany*, com formação em Psicanálise pela APVP (Associação Psicanalítica do Vale do Paraíba). É líder do grupo PARE (Pesquisa em Argumentação e Retórica) e membro do grupo ERA (Estudos de Retórica e Argumentação), ambos certificados pelo CNPq.

**Possui graduação em Letras, pela Universidade de Franca (UNIFRAN, 2013). Está cursando Mestrado em Linguística na UNIFRAN, 2016. É membro pesquisador dos grupos PARE (pesquisa em argumentação e retórica) e GTEDI (grupo de pesquisa do texto e do discurso).

INTRODUÇÃO

Inserido no campo dos estudos retóricos, o presente trabalho tem como *corpus* o filme *Madre Teresa*¹. Esse drama conta a trajetória de luta de Teresa de Calcutá em defesa dos pobres e abandonados de vários lugares do mundo. O filme expõe os impasses que Madre Teresa sofreu com os oponentes que enfrentou e os meios de que lançou mão em sua vida para conseguir viver sua missão, que, em suas palavras, era a de ser serva de Cristo sob a demanda do próprio Deus.

Com base no objeto mencionado, este artigo busca verificar a constituição do *ethos*² de Teresa de Calcutá por meio da análise de diálogos presentes no filme. A seleção dos diálogos aqui apresentados foi motivada pela sua representatividade dentro da obra como um todo. Assim, é importante ressaltar que a análise aqui empreendida priorizará os aspectos verbais do filme. Portanto, questões como a luminosidade nas cenas, o foco, a trilha sonora e outros aspectos cinematográficos não serão explorados.

Esta pesquisa justifica-se pelo fato de evidenciar, aos leitores, o quanto a teoria retórica, mormente o conceito de *ethos*, é de importância

¹ Lançado no ano de 2003, estrelado pela atriz Olivia Hussey, que interpreta a própria Teresa, e dirigido por Fabrizio Costa. Com roteiro de Francesco Scardamaglia e Massimo Cerofolini, *Madre Teresa* é um drama com duração de 173 min.

² Neste artigo, evidencia-se nossa opção pela grafia e acentuação dos termos gregos utilizados dentro da língua portuguesa. Como exposto, mantivemos o itálico e eliminamos todos os diacríticos de acentuação, uma vez que a acentuação do grego não obedece aos mesmos critérios da língua portuguesa. Assim, adotamos as seguintes formas: *ethos*, *pathos*, *logos*, *ethe*, *phronesis*, *arete*, *eunoia*. Ademais, utilizamos o adjetivo *ethico(a)*, como um atributo do substantivo *ethos*, com vistas a diferenciá-lo do adjetivo “ético”, concernente ou próprio da ética.

considerável para o processo de compreensão textual. Além do mais, o trabalho busca expor, aos leitores, caminhos interpretativos com vistas a compreender a constituição *ethica* de uma personagem com base na biografia de uma mulher considerada uma das mais influentes do século XX. Prova disso é que, no mês de setembro de 2016, o Vaticano realizará a cerimônia de canonização da “Santa dos mais pobres dos pobres”, isto é, Teresa de Calcutá.

Para realizar a pesquisa, em termos metodológicos, efetuamos inicialmente uma pesquisa bibliográfica sob o viés teórico da Retórica. Assim, contamos com os estudos de Aristóteles (2012), Meyer (2007), Amossy (2008), Eggs (2008), Perelman e Olbrechts-Tyteca (2005), Reboul (2004), Ferreira (2010), Fiorin (2015), Abreu (2001) e Souza & Figueiredo (2010). Após a seleção do *corpus*, procedemos à transcrição dos textos verbais veiculados no filme. Em seguida, efetuamos uma análise qualitativa do texto verbal que compõe a obra fílmica. A partir da análise efetuada, selecionamos, em função do limite de espaço, apenas alguns trechos para compor o presente artigo.

No item seguinte, delinearemos alguns aspectos relevantes da teoria retórica no que concerne a análise proposta.

BREVES CONSIDERAÇÕES SOBRE A TEORIA RETÓRICA

Com vistas a elucidar o arcabouço teórico sobre o qual nos debruçamos para o desenvolvimento deste trabalho, começaremos com

algumas considerações acerca daquele que se dedicou de maneira especial à arte retórica, e de cujas obras provêm muitos estudos ao longo da História. Falamos, pois, do filósofo grego, Aristóteles.³

De acordo com Aristóteles (2012, p. 84), a retórica tem o intuito de formar um juízo, ou seja, um conceito, um senso. Para isso, o orador, como aquele que pratica a arte retórica frente a um auditório, deve demonstrar possuir três características: a prudência, a virtude e a benevolência.

Abreu (2001), na obra *A arte de argumentar*, afirma que o orador sempre ou quase sempre faz uso de argumentos para tornar sua retórica mais convincente e parecida com a verdade que deseja defender. Na visão desse autor, a necessidade de argumentar seria também uma harmonização nas relações humanas, tendo em vista que o homem encontra dificuldades para se expressar e entender a expressão do outro. Portanto, no que concerne ao ato comunicativo da fala, a argumentação desempenha um papel na resolução dos conflitos do convívio humano. (ABREU, 2001, p. 1-10)

Para que a tarefa persuasiva se concretize, a retórica se expressa por meio de um tripé, descrito por três termos gregos: o *pathos*, o *ethos* e o *logos*. O *pathos* refere-se ao conjunto de paixões despertadas no auditório por meio do discurso proferido pelo orador. O *logos* é o discurso, ou seja, a argumentação usada pelo orador, os sentidos explícitos ou implícitos, figurativos ou literais da linguagem utilizada (cf. VERZOLA, 2012, p. 29 e 31-32). O *ethos* refere-se à imagem que o orador expressa para o auditório

³ Em 2012, a obra *Retórica* de Aristóteles foi traduzida por Manuel A. Júnior, Paulo F. Alberto e Abel do N. Pena. Neste trabalho, utilizaremos essa tradução ao expormos as proposições do filósofo grego.

acerca de si mesmo (seja por meio de seus atos, gestos e/ou discursos) e que suscita a impressão de que o orador tem disposição para o bem.

Nessa linha de raciocínio, de acordo com os ensinamentos do filósofo grego, a retórica implica necessariamente o caráter do orador, seu *ethos*. (ARISTÓTELES, 2012, p. 13). Assim, se o auditório julgar como honesta a fala do orador, o discurso ganhará estabilidade e confiança. Esse aspecto é reforçado por Abreu (2001, p. 39-40) quando defende que a verossimilhança e a transparência são condições necessárias ao discurso do orador. O autor declara, ainda, que o orador, para ser bem sucedido, deve atentar-se constantemente ao ouvinte e buscar desvendar seus pensamentos, valores e sentimentos. Vejamos, então, com um pouco mais de detalhe, em que consiste o *ethos* retórico.

O conceito de *ethos* para a Retórica

Para melhor entender a abrangência do conceito de *ethos*, lançaremos mão de estudos que partem de Aristóteles e que chegam aos autores contemporâneos. Buscaremos elucidar suas marcas argumentativas, suas expressões comportamentais e seus sentidos de verossimilhança. Consideraremos também a ligação entre orador e auditório, bem como os laços indissociáveis entre *ethos*, *pathos* e *logos*.

O *ethos* aristotélico

Para Aristóteles, a persuasão acontece quando o orador exprime de si uma imagem que deixa no auditório a impressão de ser digno de fé. Para Aristóteles (2012, p. 13), acreditamos mais e com maior agilidade nas pessoas que, em seu discurso, não nos dão margem para duvidarmos de seu bom caráter. A respeito da construção de uma imagem honrosa de si efetuada pelo orador, o filósofo declara:

A honra é sinal de boa reputação por fazer bem; são justamente honrados sobretudo os que têm feito o bem, eles e também os que têm a capacidade de o fazer. [...] As componentes da honra são: os sacrifícios, as inscrições memoriais em verso e em prosa, os privilégios, as doações de terras, os principais assentos, os túmulos, as estátuas, os alimentos concedidos pelo Estado; práticas bárbaras, como a de se prosternar e ceder o lugar; e os presentes apreciados em cada país. (ARISTÓTELES, 2012, p. 30).

Pelas razões citadas, um homem honrado tem maiores chances de construir para si um *ethos* favorável no que concerne à capacidade de persuasão. A esse respeito, Fiorin (2015, p. 71), em releitura dos postulados aristotélicos, recorda que o orador, com vistas a inspirar confiança em seu auditório, pode lançar mão de três espécies de *ethe*:

- A *phronesis*, que se refere a um orador que expõe seu raciocínio de modo sensato, prudente, ponderado. Esse orador constrói suas provas com os recursos do *logos* e parece discursar de modo razoável e plausível;

- A *arete*, que expressa um orador virtuoso no sentido de se mostrar justo, sincero, corajoso, temerário, franco e desbocado e cujas provas se valem mais de sua constituição *ethica*;
- A *eunoia*, quando o orador cria de si uma imagem de solidário e agradável ao seu auditório e se vale, dessa maneira, mais dos recursos do *pathos*.

Essa visão tripartite do *ethos* nos será de grande valia ao longo da análise, pois a constituição *ethica* de Madre Teresa, como veremos, se apoiará nessas três instâncias (*phronesis*, *arete* e *eunoia*). Além dessa classificação, outro aspecto indispensável para a constituição do *ethos* de um orador confiável é a autoridade de que ele se reveste. E é sobre esse aspecto que discorreremos no item seguinte.

O *ethos* como argumento de autoridade

Meyer afirma que o termo *ethos* evoca o homem, o indivíduo, o que se revela como hábito, costume, caráter e traço psicológico. O autor enfatiza ainda que o homem também se deixa expressar pelo seu inconsciente. Assim, seu inconsciente e seu corpo o diferem dos demais e lhe conferem uma identidade singular (MEYER, 2007, p. 89). Em princípio, o *ethos* é o orador. Age no mundo tal como é, mas também representa uma imagem. Busca ser um argumento de autoridade por meio de sua constituição *ethica* e tenta confirmar essa imagem de alguém que

sabe o que diz. Assim, o *ethos* é capaz de pôr um fim a um questionamento (MEYER, 2007, p. 35).

“Segundo Quintiliano, o argumento exposto pela vida de um homem tem mais peso que suas palavras. E Cícero define o bom orador como [...] um homem que une ao caráter moral a capacidade de bem manejar o verbo” (AMOSSY, 2008a, p. 18). Vemos, então, que, para Cícero, não basta o fato de um homem ser moralmente propenso ao bem, ele precisa também explanar discursivamente suas inclinações benévolas. Nessa linha de raciocínio, o orador se dotará do *status* de “homem do bem” se agir de modo que pareça ser bom, mas, além do agir, é necessário que ele discursive, valendo-se de uma boa oratória, sobre temas que evidenciam sua boa moral.

Percebemos, então, que, tanto em Meyer quanto em Quintiliano, o *ethos* do orador tem grande importância no que concerne aos seus caracteres pessoais, ou seja, sua capacidade de se mostrar autêntico e convicto acerca do que diz. A boa moral emitida por um orador, por meio de seu discurso, constituirá um *ethos* favorável a obter a confiabilidade do auditório.

Além dessas características que compõem o *ethos*, devemos considerar sua plausibilidade no contexto em que se apresenta. Para isso, temos que recordar que a Retórica, ao contrário das ciências exatas, trabalha com premissas verossímeis. Nesse sentido, o *corpus* aqui analisado também mantém uma semelhança com o mundo inteligível, pois o filme apresenta simulacros do comportamento humano. Com efeito, faz-se

necessário discorrer sobre essa natureza da retórica, ou seja, sobre o fato de que ela se dedica aos discursos verossímeis. Sendo assim, o *ethos* também será avaliado dentro desta condição: a da verossimilhança. É o que veremos a seguir.

O *ethos* verossímil

Segundo Ferreira (2010, p. 19-20), a posição social que o orador conquistou no mundo lhe permite dizer o que diz, e isso já é esperado por seu auditório, que reconhece essa condição. A “verdade humana” caminha para uma complexa avaliação do Homem que a tomará de acordo com o seu “eu”, e isso implicará um embate contra a verdade proveniente de um outro “eu”. Onde não há sentenças tomadas pela ciência como verídicas (as quais foram sistematicamente comprovadas pela objetividade que lhe é própria), instaura-se a retórica, que trabalhará com o verossímil, e criará o “parecer verdadeiro”. A verdade, que um ser retórico assume para si em um discurso, revela quais valores sociais ele admite e prioriza em sua vida.

A esse respeito, Abreu (2001, p. 79) esclarece: “as hierarquias de valores variam de pessoa para pessoa, em função da cultura, das ideologias e da própria história. [...] A intensidade de adesão a valores diferentes sinaliza uma escolha hierárquica”.

Sobre o mesmo tema, Reboul (2004, p. 165-166) discorre que os valores se diferem segundo o critério do auditório. Existem valores universais, como o justo e o belo, dentro dos parâmetros sobre o

entendimento do que é belo e justo para essa ou aquela sociedade. Sendo assim, o que mais pesa é a ordem como determinado auditório arquiteta seus valores, isto é, como ele os hierarquiza. Por essa razão, o filósofo francês chega a afirmar: “na verdade, quem diz valores diz hierarquia de valores” (REBOUL, 2004, p. 166). Um valor preferível a outro ou um valor em detrimento de outro, isso nos dá um retrato do auditório que escolhe e defende aquele valor que, para si, apresenta-se como o mais justo e plausível.

Fiorin, por sua vez, advoga que a verdade ganha maior dimensão quando dita por alguém digno de confiança. Para ele, isso está no âmbito da crença do indivíduo, que, ao sentir confiança num orador, tenderá a acreditar na tese por ele defendida sem necessariamente entendê-la ou questioná-la de modo crítico, uma vez que o seu “crer” pode anular o seu potencial “querer saber”. O autor explicita esse raciocínio por meio das palavras do semioticista Landowski: “diz verdade aquele em que eu tenho *confiança* (...) a dimensão do crer é mais significativa do que a do saber”. (LANDOWSKI, 1982, p. 169 apud FIORIN, 2015, p. 78)

Vamos admitir que o foco central de um orador que visa obter a persuasão é o seu auditório. Notemos, então, como se dá essa relação.

O *ethos* na relação entre orador e auditório

Conforme nos elucidava Amossy, “a interação entre orador e seu auditório se efetua necessariamente por meio da imagem que fazem um do

outro” (AMOSSY, 2008b, p. 124). O orador constitui sua própria imagem incorporando a imagem que seu auditório espera ser adotada por ele. Assim, ele busca atender à imagem confiante, prudente e benévola que supõe que seu auditório tenha em mente acerca de sua pessoa.

Entre orador e auditório deve haver um gerenciamento de relação (ABREU, 2001), um encurtamento de distâncias (MEYER, 2007). Assim sendo, a persuasão, que é o objetivo final da retórica, pode encontrar espaço para se manifestar. Ferreira salienta que o bom orador apresenta a habilidade de exprimir-se em consonância com o auditório, para que este possa posteriormente concordar com as teses que estão em discussão. Essa é uma habilidade sensível que permite ao orador habitar o terreno do auditório e saber como melhor proceder nessa arena retórica onde estão em xeque crenças e valores tanto do auditório como do orador. (FERREIRA, 2010, p. 23). Seguindo essa linha de raciocínio, Fiorin (2015, p. 74) nos recorda que cada auditório é particular porque se difere do outro em relação aos seus valores sociais. Porém, ao trazer a baila o filósofo russo Bakhtin, o linguista ressalta: o orador pode conseguir articular um discurso consonante aos valores dominantes de um dado tempo, para um determinado povo, o que se denomina auditório universal. Assim, quando um orador logra atingir um auditório universal, ele consegue uma primazia: apresenta, em seu discurso, um valor a que o “todo” do seu auditório se fideliza (FIORIN, 2015, p. 74).

O orador é o responsável por criar um *ethos* que consiga atingir seu auditório. Em outras palavras, o auditório deve ser o seu foco central.

Assim, a Nova Retórica de Perelman e Olbrechts-Tyteca acentua a relevância das questões humanas que, por não terem uma lógica científica, apoiam-se no acordo, no razoável, entre os envolvidos no jogo comunicativo. Desse modo, a retórica não avalia somente o discurso, mas procura aprofundar a compreensão do comportamento social. Existem casos em que há ausência de provas ou elas se apresentam como insustentáveis numa tomada de decisão. É nesse momento que o orador argumenta sobre o útil, o justo, o ponderável e o oportuno. Porém, para conseguir chegar num acordo com o auditório, o orador precisa voltar seus raciocínios para ele, pois o acordo aceitável será aquele em que o orador harmonizar seus valores com os do auditório. (PERELMAN; OLBRECHTS-TYTECA, 2005, p. 75-78).

Eggs (2008, p. 40-41) recorda Aristóteles e reforça seus ensinamentos em relação às provas obtidas pelo discurso com vistas à persuasão. Segundo o autor, as provas de persuasão advêm da ingerência entre o eu que se liga ao *ethos*, que representa uma imagem confiante, juntamente com a colocação do auditório em certa disposição emocional, o *pathos*, e, por fim, o próprio discurso, o *logos*, que demonstra ser plausível. Dentre elas, porém, o *ethos* merece destaque, justamente por estar nele o poder de evocar o *pathos* e o *logos*, que, juntos, trabalham retoricamente.

Em função do *corpus* deste trabalho, é importante descrevermos também a paixão aristotélica denominada “misericórdia” (ou piedade). Aristóteles (2012, p. 112-114) afirma que esse sentimento é o de pena por alguém que está passando por algum mal sem o merecer, e aquele que sente

tal pena se imaginará no lugar do outro, sentindo que este mal poderia afetar a si mesmo ou alguém dos seus. Sendo assim, está na posição de sentir piedade aquele que já passou ou pensa poder passar por algum mal parecido com o que o outro esteja passando, e que julga tal mal como injusto. Para Souza e Figueiredo (2010, p. 156), tudo o que causa dor, pena ou destruição, sem merecimento, é digno de piedade. Ademais, falta de alimento, ultrajes corporais, velhice, doenças e maus tratos encontram-se entre as circunstâncias nas quais os piedosos sentem pesar.

O *ethos* no discurso e na argumentação

A função persuasiva do *ethos* se dá no e pelo discurso. Surge, dessa maneira, a questão: como percebemos a constituição do *ethos* presente em um discurso? Vejamos o que nos responde Eggs:

O lugar que engendra o *ethos* é, portanto, o discurso, o *logos* do orador, e esse lugar se mostra apenas mediante as escolhas feitas por ele. De fato, “toda forma de expressar” resulta de uma escolha entre várias possibilidades linguísticas e estilísticas. (EGGS, 2008, p. 31).

Como vemos, as escolhas linguísticas evidenciam o *ethos* do orador. Por essa razão, Ferreira (2010, p. 54) salienta a importância de fazer algumas perguntas ao texto quando estamos na captura de um *ethos* inserido numa questão retórica. Assim, destaca que os fatores a serem

considerados são os sociais, os morais, os éticos, os institucionais, entre outros.

Uma vez estabelecidas as bases teóricas do trabalho, passemos à análise do filme que é objeto desta investigação.

ANÁLISE DO FILME *MADRE TERESA*

O foco da análise aqui empreendida é a constituição *ethica* da personagem Madre Teresa no filme que tomamos como *corpus*. Devido à ligação indissociável entre *ethos*, *pathos* e *logos*, forçoso nos é atentar para o discurso (*logos*). Não será diferente em relação ao *pathos*, visto que a instância do *ethos* se liga ao orador, a instância do *pathos* refere-se ao auditório e, indiscutivelmente, orador e auditório só existem em sua interdependência.

Na análise empreendida, tomaremos como *logos* o conjunto de falas e gestos da protagonista do filme, Madre Teresa. Ademais, consideraremos como auditório todas as personagens do filme que foram influenciadas e, de alguma forma, persuadidas por Teresa de Calcutá, o que será mais bem elucidado ao longo da análise.

A constituição *ethica* da oradora Madre Teresa

Iniciaremos nossa investigação por meio da análise de uma cena do filme em que Teresa e suas alunas ouvem tiros e gritos fora do convento:

era uma guerra entre hindus e muçulmanos. Nessa cena, alguns homens que trabalhavam para as freiras combatiam contra aqueles que batiam no portão do convento para pedirem ajuda. Madre Teresa corre até eles e os autoriza a abrir o portão. Entram, assim, três homens carregando um rapaz ferido na batalha, deitado num pedaço de pano. Madre Teresa providencia uma cama para o ferido e o socorre. Após esse evento, a madre superiora, de nome Cenacle, censura a atitude de Teresa e trava com ela o seguinte diálogo:

Madre superiora: “Talvez não perceba a extensão do que você fez”.

Madre Teresa: “Se ele sobreviver à noite, talvez viva”.

Madre superiora: “Todos ficarão contra nós”.

Madre Teresa: “Por causa de um ato de caridade?”.

Madre superiora: “[...] Mas o rapaz é hindu. Se Deus quiser, ele sobreviverá... mas os muçulmanos nos acusarão de estar do lado dos hindus”.

Madre Teresa: “Eu faria o que fiz de novo”.

Madre superiora: “Devemos ter cuidado. Gestos como o seu podem comprometer nossa presença aqui”. (MADRE TERESA, 2003, 4’45”)

De acordo com Aristóteles, o orador dotado de boa reputação faz criar bons juízos nas mentes das pessoas. A cena descrita nos faz inferir que a atitude da protagonista pode suscitar tais juízos a seu respeito. A ação de Madre Teresa foi de ajuda a um ferido, mesmo sendo desconhecido e

pertencente a uma religião diferente da sua. Como esclarece Abreu (2001, p. 79), os valores se hierarquizam de acordo com a cultura, as ideologias e a própria história da pessoa. Como podemos perceber, a madre superiora (Cenacle) valorizava a permanência do convento naquele lugar. Essa permanência, porém, dependia do não comprometimento de sua comunidade religiosa com muçulmanos e Hindus, ainda que isso significasse a indiferença das freiras para com os sofridos da guerra entre as duas religiões. Por outro lado, Madre Teresa valorizava a vida daquele doente, que precisava ser socorrido.

Na cena em análise, a madre superiora valoriza com maior intensidade a permanência do convento em Calcutá, ao passo que Teresa demonstra maior adesão à vida do sujeito ferido. Pelas considerações de Aristóteles (2012, p. 30), são honrados aqueles que são capazes de realizar atos benevolentes. Teresa, por ter tido a capacidade de fazer o bem, mesmo nas condições de guerra entre religiões, leva-nos a considerá-la honrada por sua atitude. Para Meyer (2007, p. 35), o orador busca ser um argumento de autoridade por meio de sua constituição *ethica*. É nesse sentido que o autor defende, como dissemos, que o *ethos* é capaz de por um fim a um questionamento. Madre Teresa, ao dizer “Eu faria o que fiz de novo”, afirma sua autoridade de quem sabe o que diz. Não se mostrou frágil diante de Cenacle, mas, sim, autêntica, pois, mesmo censurada por alguém hierarquicamente superior, reforçou seu posicionamento, dando a entender que a ação praticada fora plausível. Essa é, portanto, a imagem que Teresa parece querer mostrar à sua Superiora, o que pontua sua singularidade e

diferença em relação a ela. Apesar de Cenacle questionar a atitude de Teresa, julgando-a polêmica, Teresa, por sua vez, não hesita em se posicionar e por fim a esse questionamento.

Ferreira (2010, p. 53), ao discorrer sobre o *ethos* em relação a um “problema retórico”, cita-nos alguns fatores envolvidos numa determinada ocasião retórica em que o orador está diante de uma questão ampla. Segundo o autor, esses fatores são sociais, morais, éticos, de instituições, de corporações etc. Pois, bem, o problema retórico no qual as personagens estão inseridas é a guerra religiosa entre hindus e muçulmanos, portanto, uma questão religiosa, da instituição Igreja. Nessa linha de raciocínio, observamos que a polêmica levantada por Cenacle, na cena em questão, transparece na fala: “o rapaz é hindu. Se Deus quiser, ele sobreviverá... mas os muçulmanos nos acusarão de estar do lado dos hindus”. Assim, Cenacle passa uma imagem de si como preocupada com uma parte do auditório: os muçulmanos, que condenariam a ajuda prestada a um hindu. Conforme elucida Amossy (2008b, p. 124), a interação entre orador e auditório se dá por meio da imagem que um faz do outro. O orador constitui sua própria imagem incorporando a imagem que seu auditório espera ser adotada por ele. Vimos, na cena em questão, que a madre superiora adota para si uma atitude de não desagrado à opinião dos muçulmanos, a fim de evitar que sua Ordem religiosa fosse repudiada por eles na cidade de Calcutá. Madre Teresa, por sua vez, não nos dá margem para interpretá-la como preocupada com tal auditório particular. Sua preocupação parece se voltar a um único valor: a vida do hindu ferido na guerra. Nesse sentido,

entendemos que Cenacle se pautou pelos valores de um auditório particular, ao passo que Teresa se voltou para um valor pertencente, de modo geral, a um auditório universal, pois de acordo com Reboul os valores universais são, geralmente, os aceito por toda uma sociedade. Quando uma sociedade hierarquiza um valor sobre os demais, ela nos sinaliza sobre o que acha justo ou belo (REBOUL, 2004, p. 165-166). Podemos pensar que a preservação da vida de um indivíduo é um valor que quase todos de uma sociedade têm como justo. Ainda mais, quando nos referimos a personagens que praticam uma religião, que é o caso dos que rodeavam Madre Teresa no convento em Calcutá. O fato de estarem num ambiente em que valores cristãos são defendidos leva-nos a inferir que comungam com a ideia de defesa à vida.

Por meio do diálogo empreendido, observamos que Cenacle passa uma imagem de prudente – o que a faz assumir um caráter político e menos sensível – em função de sua intenção de não comprometer a presença da “Ordem de Loreto”⁴ em Calcutá. Teresa, por sua vez, se mostrou tomada pela paixão da misericórdia por aquele homem, hindu, ferido na guerra. Para Meyer, a paixão é uma resposta a uma pergunta implícita na questão retórica. O ser apaixonado responde a uma questão, anulando a pergunta que o incita a manifestar um sentimento, seja ligado ao prazer ou ao desprazer. Cada indivíduo tomará como resposta, um sentimento diferente, pois cada um, sendo um ser singular, absorve uma questão de acordo com o seu “eu”. (MEYER, 2007, p. 36-37). Desse modo, entendemos o

⁴ Nome da instituição religiosa onde moravam as irmãs católicas: Teresa, Cenacle, dentre outras. Situada na capital do Estado de Bengala: Calcutá.

comportamento de Teresa de Calcutá, na cena em análise, como o de alguém que anulou a questão levantada por Cenacle, ou seja, a questão de que não se pode ajudar um hindu porque os muçulmanos iriam se revoltar e, com efeito, isso poderia prejudicar a continuidade da instalação da “Ordem de Loreto”. Para Souza e Figueiredo (2010, p. 156), a paixão da misericórdia pode ser despertada por tudo o que causa pena, dor ou destruição, sem merecimento. Ademais, falta de alimento, ultrajes corporais, doenças, velhice e maus tratos encontram-se entre as circunstâncias nas quais os misericordiosos sentem pesar. De modo que, o hindu mal tratado na guerra, ultrajado fisicamente, despertou a piedade de Teresa, que só soube dar como resposta sua ação: o socorro que esse homem necessitava. Ela sequer parece ter pensado se sua ação de socorrer o homem hindu lhe traria consequências negativas. Diante do homem gravemente ferido, Teresa anulou qualquer outra pergunta em relação ao fato, como aquela explicitada por Cenacle: “e se os muçulmanos nos acusarem de estarmos do lado dos hindus?”. Nesse caso, Teresa de Calcutá demonstra um *ethos* de *eunoia*, valendo-se principalmente do *pathos* em suas atitudes retóricas (cf. FIORIN, 2015, p. 71). Dessa maneira, mostra-se solidária e agradável em relação àquele que toma como seu auditório.

Nas cenas subsequentes, vemos a saída de Teresa do convento, como punição de sua madre superiora. Pouco tempo depois, Virgínia⁵ e outras alunas, que conviviam com Teresa e que viram sua atitude benévola ao

⁵Virgínia foi a primeira aluna a decidir seguir os passos de Madre Teresa quando esta saiu do convento para trabalhar na rua. Ao receber o título de “missionária da caridade”, Virgínia escolheu para si o nome de “Agnese”, que era o nome de batismo de Madre Teresa antes de se tornar freira.

socorrer o pobre homem hindu, também deixaram o convento para segui-la. As futuras “Missionárias da caridade” estavam decididas a seguir o caminho de trabalho aos pobres sob a liderança de Teresa. Dessa forma, constatamos o reconhecimento acerca do caráter e da honra de Teresa por parte das irmãs do convento; já que, se quiseram segui-la, é porque louvavam o seu caráter. Essa atitude pode também ser tomada como uma prova do poder de persuasão desempenhado pelo caráter *ethico* de Teresa.

Abaixo, outra cena do drama evidencia a constituição do *ethos* da personagem.

Escavadeiras se preparavam para destruir as obras iniciais da “Cidade da Paz”, projeto inspirado por Madre Teresa. Homens e mulheres colocam-se frente à parede da “cidade” para impedir a demolição. Quando chega o representante governamental de Calcutá para impor a autorização pública da destruição, os homens e as mulheres, afeiçoados pela obra “Cidade da Paz”, começam a jogar pedras no carro do representante. Nesse mesmo instante, chega Madre Teresa às pressas, e o diálogo seguinte se trava:

Madre Teresa: “O que está acontecendo”?

Representante governamental: “Recebi ordens para demolir a construção”.

Madre Teresa: “Mas a documentação está em ordem”.

Representante governamental: “Não tem a autorização municipal”.

Madre Teresa: “Não me importa o que está faltando. Se quiser, paramos de construir. Mas deve deter as escavadeiras.”

Representante governamental: “Estou aqui para executar uma ordem. Tirem essas pessoas do caminho!”

Madre Teresa: “Saíam do caminho” (consente Madre Teresa, dizendo essas palavras aos seus amigos que defendiam a construção).

Um dos homens que defendiam a Cidade da Paz: “Não! Não, madre! Devemos resistir!”

Madre Teresa: “Não há porque combater a violência com violência. Vamos embora. Vamos.” (MADRE TERESA, 2003, 76’37”)

Atendendo ao pedido da Madre, os defensores da “Cidade” saem da frente do muro construído. Em seguida, as escavadeiras começam a demolição. Teresa, então, se abate.

Na cena transcrita acima, podemos verificar uma atitude prudente de Teresa, uma vez que pessoas de sua estima queriam resistir à demolição da “cidade da paz”, agindo impetuosamente. A Madre, porém, os adverte com prudência: “Não há porque combater a violência com violência. Vamos embora. Vamos”. A esse respeito, Ferreira (2010, p. 145-147) nos recorda que a retórica não avalia somente o discurso, mas procura aprofundar a compreensão do comportamento social. Nos casos em que não há provas ou que essas se apresentam como insustentáveis numa tomada de decisão é que o orador deve argumentar sobre o útil, o justo, o ponderável e o

oportuno. Na cena acima, podemos observar que Teresa age de modo oportuno e ponderado na tomada de uma decisão. Para ela, o mais sensato foi não instigar seus companheiros a lutar contra as escavadeiras que estavam prontas para demolir a “Cidade da Paz”. Ela, então, faz uso do argumento pragmático *Ad consequentiam*, por meio do qual uma ação é defendida consoante aos efeitos que ela produz. A proposição desse argumento segue o raciocínio, de uma proposição incitativa, isto é, argumenta-se por meio das consequências positivas ou negativas relacionadas a uma dada ação (FIORIN, 2015, p. 165). Quando, na cena acima, Teresa afirma: “Não há porque combater a violência com violência. Vamos embora. Vamos.”, ela se vale do argumento *Ad consequentiam*, pois adverte seus amigos a não permanecerem à mercê da fúria das escavadeiras (tomamos o termo “escavadeiras” metonimicamente, pelos homens que as conduziam). Seu argumento se apoia na premissa implícita de que aquelas máquinas, bem mais fortes que seus amigos que defendiam a “Cidade”, os venceriam, e que isso teria uma trágica consequência. Desse modo, a ação de não usar a violência contra a violência, anulou o efeito de que os amigos da Madre pudessem se ferir, já que pragmaticamente sua fala fez com que seus companheiros deixassem a bravura, dando caminho à demolição das escavadeiras. Nesse caso, a construção do *ethos* de Teresa apoiou-se na *phronesis*, o que significa que expôs seu raciocínio de modo sensato e prudente. A protagonista construiu suas provas mais com os recursos do *logos*, parecendo discursar de modo razoável e plausível (cf. FIORIN, 2015, p. 71).

Vale ressaltar ainda que a força motriz da utilização do argumento *Ad consequentiam* por parte de Teresa é o seu nível de adesão a um valor pertencente à esfera do auditório universal, ou seja, a não violência. Podemos inferir, portanto, que o uso de um argumento que compactua com os valores do auditório universal parece apresentar um largo alcance persuasivo. Tal aspecto também foi observado no primeiro diálogo analisado.

A fim de expandir nossa análise, apresentaremos mais duas cenas, as quais se encontram transcritas abaixo.

Na primeira delas, Teresa está auxiliando algumas missionárias novatas e diz: “Primeiro dia, não é? Lembrem-se de sorrir sempre. Sorriam com afeto. Quanto mais nos custar, mas precioso será. Sorrir é o nosso primeiro ato de amor. É um sinal de nosso amor por Deus.” (MADRE TERESA, 2003, 58’35”)

Na segunda, Madre Teresa, em discurso a uma plateia repleta na cidade de Oslo, declara:

Vida é vida. Vamos defendê-la sempre e com um sorriso. Ajudando os mais fracos, pobres, doentes, idosos. Defendendo nossas crianças da cultura da indiferença e da morte. Defendendo o direito à vida da concepção à morte. E, se alguém não pode nem se sente capaz de fazê-lo, que confie a mim. (MADRE TERESA, 2003, 102’29”)

Esses trechos nos remetem à reflexão feita por Amossy acerca das qualidades do bom orador. Como dito anteriormente, a autora nos recorda

que Cícero define o bom orador como aquele capaz de unir a capacidade de bem manejar o verbo ao caráter moral (AMOSSY, 2008, p. 18). Nessa esteira de raciocínio, o orador se dotará do *status* de “homem do bem” se agir de modo que pareça ser bom, mas, além do agir, deve falar sobre temas relacionados à boa moral. Nas duas cenas citadas, o discurso de Teresa nos revela o que Meyer (2007, p. 89) chama de hábito, costume, caráter, isto é, os traços que constituem um *ethos*.

Na primeira cena, Madre Teresa, ao dizer às missionárias: “Quanto mais nos custar, mas precioso será”, demonstra sua disposição para o trabalho custoso, o qual realizava, e o exalta como “precioso”. Por meio desse discurso, ela reforça sua força para o trabalho, que, segundo ela, deve ser realizado com um sorriso no rosto, o que isso significa “um sinal de nosso amor por Deus”.

Na segunda cena, em que Teresa discursa na cidade de Oslo, ela afirma ter capacidade de defender, com o apoio das missionárias da caridade, a vida dos mais fracos, pobres, doentes, idosos e crianças. Assim, a protagonista intensifica sua força para tal vocação e conclui sua fala dizendo: “E, se alguém não pode nem se sente capaz de fazê-lo, que confie a mim”. Ora, Madre Teresa age como uma oradora que une sua moral ao seu discurso pacífico e autêntico e que faz jus ao que Cícero pontuou teoricamente: ela se mostra capaz de unir a capacidade de manejar o verbo ao seu caráter moral. Teresa de Calcutá maneja sua fala, dando mostras de sua capacidade de lutar pelo bem, pela não violência, pelo zelo e pela salvação de vidas. Ademais atribui tudo isso à causa e ao efeito do amor

divino. Dessa maneira, ela nos permite vislumbrar um *ethos* de uma pessoa temerária, isto é, que possui força e coragem em suas ações contra males que atacam pessoas indefesas. Pelos fatos exibidos no filme, evidenciados nos excertos que selecionamos para análise, podemos afirmar que há consonância entre o que é dito e o que é feito por Teresa. Como vimos, Teresa não se eximiu de dizer e maximizar sua força e temeridade. A todo instante, constrói para si a imagem de alguém capaz de fazer o bem, tal como postula Aristóteles (2012, p. 30) acerca do homem honrado. Por isso, nas cenas em questão, averiguamos um *ethos* apoiado na *arete*, uma vez que a protagonista se apresenta como uma oradora virtuosa no sentido de se mostrar justa, sincera, corajosa. Assim, em consonância com Fiorin (2015, p. 71), suas provas se apoiam, sobretudo, na imagem construída de si como um ser temerário e franco.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise dos trechos selecionados evidenciou que a constituição *ethica* da protagonista do filme *Madre Teresa* abarca os três aspectos que conferem ao orador a eficácia retórica: a *phronesis*, a *arete* e a *eunoia*.

Vimos que Teresa se apoiou na *phronesis* ao expor seu raciocínio de modo sensato e prudente. Assim, ao discursar de modo razoável e plausível, alicerçou suas provas nos recursos do *logos*.

Valendo-se da *arete*, Teresa demonstrou ser uma oradora virtuosa, isto é, evidenciou sua virtude ao mostrar-se corajosa. Dessa maneira, suas

provas se fundamentaram em seu *ethos* constituído como uma pessoa temerária, ou seja, com força e capacidade para fazer o bem.

Ao mostrar-se agradável e solidária para com aqueles que a rodeavam (seu auditório imediato), Teresa construiu para si um *ethos* apoiado na *eunoia*. Assim, as atitudes retóricas da protagonista originaram-se, sobretudo, no *pathos*. Como vimos, a tristeza e o desamparo que acometiam os moribundos a tocavam veementemente, e, como consequência, ela se via fortemente tomada pela paixão da misericórdia, o que lhe impulsionava a agir.

Em suma, o discurso plausível, a capacidade de se comover frente ao seu auditório, como também de comovê-lo, e suas demonstrações de força e coragem conferiram, à personagem analisada, uma alta eficácia retórica.

Ademais, a investigação do *ethos* de Madre Teresa, por meio do filme analisado, nos permitiu verificar que os valores por ela defendidos – a primazia da vida humana, a opção pela não violência e a luta constante por fazer o bem – a alçaram a patamares de um auditório universal. Isto é, ao analisarmos alguns diálogos do filme, pudemos entender a construção do processo de persuasão de Teresa junto àqueles que a rodeavam. Ademais, em função da exposição de sua hierarquia de valores, somos levados, como espectadores, a mergulhar no universo argumentativo de Teresa e, por identificação, somos impulsionados a aderir às teses por ela apresentadas. Esse *ethos*, apreendido na análise do filme, revela a capacidade da oradora de extrapolar os limites de auditórios particulares e atingir a adesão de

esferas muito mais amplas, o que justifica a relevância e o reconhecimento angariados por Teresa de Calcutá ao longo de sua vida.

REFERÊNCIAS

ABREU, A. S. *A arte de argumentar: gerenciando razão e emoção*. Cotia: Ateliê, 2001.

AMOSSY, R. Da noção retórica de *ethos* à análise do discurso. In: _____ (Org.). *Imagens de si no discurso: a construção do ethos*. Trad. de Dilson F. da Cruz, Fabiana Komesu e Sírio Possenti. São Paulo: Contexto, 2008a. p. 9-28.

_____. O *ethos* na intersecção das disciplinas: retórica, pragmática, sociologia dos campos. In: _____ (Org.). *Imagens de si no discurso: a construção do ethos*. Trad. de Dilson F. da Cruz, Fabiana Komesu e Sírio Possenti. São Paulo: Contexto, 2008b. p. 119-136.

ARISTÓTELES. *Retórica*. Trad. de Manuel A. Júnior, Paulo F. Alberto e Abel do N. Pena. São Paulo: WMF/Martins Fontes, 2012.

EGGS, E. *Ethos* aristotélico, convicção e pragmática moderna. In: AMOSSY, R. (Org.). *Imagens de si no discurso: a construção do ethos*. Trad. de Dilson F. da Cruz, Fabiana Komesu e Sírio Possenti. São Paulo: Contexto, 2008. p. 29-44.

FERREIRA, L. A. *Leitura e persuasão: princípios de análise retórica*. São Paulo: Contexto, 2010.

FIORIN, J. L. *Argumentação*. São Paulo: Contexto, 2015.

MADRE Teresa. Direção de Fabrizio Costa. Produção: Intérpretes: Olivia Hussey; SebastianoSomma; Michael Mendl; Laura MoranteCenacle; Ingrid Rubio e outros. Roteiro: Massimo Cerofolini e Francesco Scardamaglia.

Trilha sonora: Guy Farley. EUA: Flashstar, 2003. 1 DVD (173 min), widescreen, color. Produzido por Flashstar. Baseado na Biografia de Madre Teresa.

MEYER, M. *A retórica*. Trad. de Marly N. Peres. São Paulo: Ática, 2007.

PERELMAN, C.; OLBRECHTS-TYTECA L. *Tratado da argumentação: a nova retórica*. Tradução Maria Ermentina Galvão G. Pereira. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

REBOUL, O. *Introdução à retórica*. Tradução Ivone Castilho Benedetti. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

SOUZA, L. A.; FIGUEIREDO, M. F. Compaixão-misericórdia: uma paixão aristotélica. *Diálogos Pertinentes* – Revista Científica de Letras, Franca, v. 6, n. 1, p. 143-162, jan./jun. 2010.

VERZOLA, M. G. *Mulheres no poder: a constituição do ethos retórico nos discursos de presidentas*. 2012. 126 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade de Franca.